

# EQUIPE

## MULTIDISCIPLINAR

### 2015



Comunidade Remanescente de Quilombo  
Areia Branca - Bocaiúva do Sul - PR.



Terra Indígena / Município de Ortigueira - PR



Comunidade Remanescente de Quilombo  
São João - Adrianópolis - PR



Artesanato Kaingang e Guarani

**DIÁLOGOS E REFLEXÕES PARA PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS EFETIVAS NA EDUCAÇÃO  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**



**SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**  
ANA SERES TRENTO COMIN

**DIRETOR-GERAL**  
EDMUNDO RODRIGUES DA VEIGA NETO

**SUPERINTENDENTE DA EDUCAÇÃO**  
FABIANA CRISTINA CAMPOS

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE**  
MARISE RITZMANN LOURES

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE  
Avenida Água Verde, 2140  
[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br)  
80240-900 CURITIBA – PARANÁ.



## **EQUIPE DE TRABALHO**

**Departamento da Diversidade**  
Marise Ritzmann Loures

**Coordenação da Educação das  
Relações da Diversidade  
Étnico-Racial**  
Edna Aparecida Coqueiro

### **Equipe**

Clemilda Santiago Neto  
Edimara Gonçalves Soares  
Jurandir de Souza  
Soraia de Fátima Henriques Saleh

**Coordenação da Educação Escolar  
Indígena e Cigana**

Denize T. Carvalho

### **Equipe**

Gisele Brunetti da Silva  
Kenneth Dias dos Santos  
Maria Daise Taschetto Rech

**Assessoria Administrativa**

Roseli Cristina de Miranda  
Tarcisio Moura Da Silva

**Diretoria de Políticas e Tecnologias  
Educativas**

Eziquiel Menta

**Coordenação de Produção  
Multimídia**

Carina Skura Ribeiro

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Fernanda Serrer



### **HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA SALA DE AULA**

Equipe Multidisciplinar - Escola Diene C. da Silva  
Costa - EI EF Mod. Especial - Juranda - PR.



### **APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE MARACATU NA MOSTRA CULTURAL E CIENTÍFICA**

Equipe Multidisciplinar - Col. Est. Enira M.  
Ribeiro - EFMP - Paranavaí - PR.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
 SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE  
 COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES DA DIVERSIDADE  
 ÉTNICO-RACIAL  
 COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E CIGANA

## ROTEIRO DO 4º ENCONTRO

### EQUIPE MULTIDISCIPLINAR – 2015

#### 1) CONTEÚDO

PRÁTICA PEDAGÓGICA

#### 2) INTRODUÇÃO

Este encontro denominado *Prática Pedagógica* é um momento dedicado ao desenvolvimento das ações planejadas no Plano de Ação com o envolvimento de todos os profissionais da escola e a comunidade escolar. É, também, um momento de análise do trabalho desenvolvido, no sentido de conhecer e avaliar os impactos, avanços e desafios, de rever metodologias, enriquecer os conteúdos e adotar novas posturas diante do compromisso de construir uma sociedade livre do racismo onde negras, negros e indígenas, sujeitos desse debate, tenham orgulho de seu pertencimento étnico.

Embora esse encontro tenha o objetivo de mobilizar e articular a coletividade para a execução de ações inovadoras que produzam efeitos positivos na educação das relações étnico-raciais, propomos também, resgatar a discussão apresentada no III encontro sobre respeito e valorização da identidade das/os estudantes negras, negros e indígenas, bem como a preocupação com a autodeclaração no requerimento de matrícula, para desencadear uma reflexão crítica sobre a nossa prática pedagógica, se de

#### CLAMOR

*Aos mestres pedimos com respeito  
 Que trabalhem verdadeiramente  
 A história do povo negro  
 No ambiente escolar  
 Só assim no futuro  
 As correntes que prendem o imaginário popular  
 Arrebrantarão  
 E quem sabe a nossa liberdade virá...  
 Ser ou não ser escravo?  
 Ninguém nasce escravo por opção  
 E fomos sim escravizados  
 Sob imposição de armas  
 A riqueza da nação  
 Se fez com a contribuição  
 Dos povos índios e afrodescendentes  
 E no Paraná não foi diferente!  
 É difícil falar...  
 Sensação de difícil tradução  
 As marcas não desapareceram  
 Foram muitas as crueldades  
 Escarificações  
 Que atravessaram os séculos  
 E chegaram até nossos dias  
 Cicatriz na alma, ruptura na tradição  
 Brecha na história. Lei...  
 10.639 abre a porta, faz ecoar  
 O que foi silenciado  
 Escrever o que foi apagado  
 Transforma dor em poesia  
 Omissões em verdades  
 "Covardes" em heróis...  
 Até os herdeiros das capitânicas hereditárias  
 Já sabem o que é justiça social  
 Não me levem a mal  
 Os felicianos já fazem isto muito bem.  
 É preciso promover a isonomia  
 E quem sabe o sol brilhará  
 Escurecendo ainda mais a minha pele  
 E a sua  
 Talvez a verdade se revele  
 Trazendo a luz da justiça  
 Desconstruindo o racismo  
 Fazendo valer a vida.*

*In.: Coleção Oralidades Afroparanaenses - Crônicas,  
 Manifestos e Pensamentos Azeviche. Poemas de Mel e  
 Candiero, Ed. Humaita, 2015.*

fato estamos promovendo a consciência e a elevação da autoestima, incentivando o autorreconhecimento e a autodeclaração do pertencimento étnico.

### **3) O PAPEL DA ESCOLA NO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA E INDÍGENA.**

Os povos indígenas, a despeito de todas as tentativas de exclusão social, mantêm suas línguas, culturas e tradições. Portanto, a escola enquanto espaço de conhecimentos sistematizados, desempenha um papel crucial para a afirmação étnica e cultural. Diante disso, é preciso considerar o processo histórico de discriminação étnico-racial e negação dos direitos básicos à cidadania que acomete a população negra e povos indígenas com culturas, trajetórias históricas e sociais diferentes.

Assim, é fundamental o engajamento da escola na construção de ações pedagógicas que viabilizem “espaços que favoreçam o reconhecimento da diversidade e uma convivência respeitosa baseada no diálogo entre os diferentes atores sociopolíticos, oportunizando igualmente o acesso e a socialização dos múltiplos saberes”. (Silva, 2010, p.46).

A desconstrução de ideias preconceituosas e estereotipadas, historicamente produzidas e reproduzidas por visões externas aos sujeitos negros e indígenas, exige práticas pedagógicas comprometidas com conteúdos que representem os sujeitos de modo afirmativo, visando à formação crítica de negras/os, não negras/os, indígenas e não indígenas.

Nessa perspectiva, é importante destacar que a escola tem o papel de questionar visões eurocêntricas herdadas da colonização europeia que persistem imbricadas nas relações sociais, cuja consequência é a homogeneização das diferenças dos povos indígenas. Para essa reflexão, Luciano (2006) afirma que:

a sua diversidade, a história de cada um e o contexto em que vivem criam dificuldades para enquadrá-los em uma definição única. Eles mesmos, em geral, não aceitam as tentativas exteriores de retratá-los e defendem como um princípio fundamental o direito de se autodefinirem. (p. 47)

Assim, a reflexão e problematização acerca da temática indígena não deve se restringir somente às escolas indígenas, pois o preconceito e as concepções de inferiorização étnica permeiam todos os segmentos da sociedade brasileira.

Desconstruir a generalização da diversidade indígena, isto é, que todos são iguais, configura-se em refletir e discutir sobre as diferenças étnicas, promovendo conhecimentos que contemplem as expressões culturais de cada povo indígena. Assim, é importante destacar a concepção dos povos indígenas sobre quem são a partir deles mesmos.

Quando os colonizadores portugueses invadiram essas terras, denominaram os habitantes nativos de índios e essa denominação perdura até os dias de hoje. No entanto, essa denominação carrega um sentido pejorativo e preconceituoso, pois os índios foram vistos como seres sem cultura, desprovidos de civilização, preguiçosos e selvagens. (LUCIANO, 2006)

Ainda segundo o referido autor:

cada “índio” pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guarani, o Yanomami etc. Mas também muitos povos recebem nomes vindos de outros povos, como se fosse um apelido, geralmente expressando a característica principal daquele povo do ponto de vista do outro. Ex.: Kulina ou Madjá. Os Kanamari se autodenominam Madjá, mas os outros povos da região do Alto Juruá os chamam de Kanamari. (LUCIANO, p.30, 2006)

O povo Xetá é nominado de diversas formas: **Botocudos** – pelas populações brancas no século XIX e parte do século XX, **Kuruton** – pelos índios Kaingang que com eles conviveram no vale do Rio Ivaí, **Yvaporé** – pelos índios Guarani do vale do Rio Tibagi e Parapanapanema, até por Telêmaco Borba que afirmou que era assim que eles se autodenominavam, outros autores ainda nominam como **Hetá, Chetá, Setá e Ssetá**. (MOTA, p. 11, 2013)

Conforme o contexto escolar indígena e não indígena, a partir da compreensão da autodenominação, se propõe elaborar práticas pedagógicas com mecanismos que permitam visibilizar e valorizar a concepção e valores culturais provenientes das próprias etnias indígenas e, de que maneira a visão etnocêntrica subjuga culturas de não pertencimento as matrizes europeias.

No que se refere às especificidades das escolas indígenas, sugere-se a realização da prática pedagógica advinda dos anseios da sua comunidade, criando espaços de diálogos e ações para estabelecer a discussão e reflexão de como as relações de contato com não indígenas se estabelecem e, de que maneira isso cria impeditivos para garantia de direitos de exercer suas expressões socioculturais, políticas, econômicas e processos próprios de ensino e aprendizagem.

Nas escolas estaduais não indígenas que atendem estudantes indígenas, a EM deve auxiliar o corpo docente na elaboração de encaminhamentos pedagógicos com a finalidade de relacionar os saberes e vivências indígenas provenientes da sua comunidade, discorrendo sobre as divergências com o que determina a hierarquia de saberes no modelo educacional hegemônico do que é cristalizado na escola regular.

Além dos contextos escolares apresentados, todas as escolas não indígenas devem apresentar práticas pedagógicas direcionadas a diversidade sociocultural dos povos indígenas, suas influências e contribuições socioculturais no nosso cotidiano.

No que tange a população negra e o fortalecimento de sua identidade, conforme Guimarães (2003) a questão da autodeclaração racial dos negros é regida por questões políticas, e desse modo ultrapassa as formas de autotaxação racial regida por mecanismos de base biológica e que as desigualdades sociorraciais geralmente se expressam num cenário de mobilidade/fragilidade social.

Já Munanga (1994) destaca que no Brasil, a ênfase da identidade está na marca ou na cor, combinando a miscigenação e a situação sociocultural dos indivíduos às possibilidades de formar uma identidade coletiva que aglutina negros e mestiços, ambos discriminados e excluídos. A construção da identidade negra está balizada por dimensões políticas, sociais, econômicas, geográficas, histórica e cultural. Na concepção de Munanga,

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (1994, p. 177-178).

No Brasil, para fins de estudos demográficos, a classificação racial adotada como oficial é a do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), desde o ano de 1991. Tal classificação tem como diretriz a coleta de dados por meio da autodeclaração, ou seja, a pessoa faz sua escolha entre cinco itens (branco, preto, pardo, amarelo e indígena). Considera-se população negra o somatório de quem se autodeclara preto e pardo, dessa forma, é possível dizer que ser negro no Brasil perpassa por um reconhecimento político e social. Nesse sentido, Souza (1990, p.77), destaca que:

[...] ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o "tornar-se negro" num clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem.

Sendo assim, a escola tem um papel preponderante nesse processo de construção de identidade negra, contribuindo para a compreensão da negação

e desvalorização da história e da cultura afro-brasileira e africana, por consequência os afro-brasileiros, e por fim, possibilitar a desconstrução e reconstrução de forma positiva e respeitosa, de modo que a criança e o jovem tenham orgulho do seu pertencimento étnico-racial. Considerando que essa população está presente na grande maioria dos estabelecimentos de ensino, a postura pedagógica deve ser de comprometimento com o reconhecimento e afirmação da identidade negra.

#### **4) PRÁTICA PEDAGÓGICA: AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E INDÍGENA E INCORAJAMENTO PARA AUTODECLARAÇÃO.**

É possível afirmar que trabalhar a valorização da identidade negra e indígena como prática pedagógica cotidiana na sala de aula e demais espaços do ambiente escolar por todos educadores (professores/as, gestores/as, equipe pedagógica e os/as agentes educacionais I e II) promovendo a consciência e o incentivo a autodeclaração é uma forma de promover a afirmação da identidade negra e indígena na escola e em todos os espaços sociais.

Quando pensamos a autodeclaração, especificamente no ambiente escolar, estamos pensando não só na coleta de dados que permitirão o recorte para análise dos índices de acesso, permanência, sucesso, aprovação, reprovação, aprovação por conselho de classe, distorção idade/série, abandono e evasão e tantas outras possibilidades de conhecer e a realidade, mas também na possibilidade de análise dos avanços e dos desafios que ainda devem ser superados e nas mudanças de posturas de todos/as sujeitos envolvidos nesse processo.

Com certeza a educação das relações étnico-raciais vem construindo novos paradigmas ao longo desses anos de trabalho no interior da escola, no entanto, percebe-se pouca mudança na postura dos sujeitos, em especial, dos negros em relação à afirmação da sua identidade e a autodeclaração.

Para compreender esse processo é necessário problematizar pontos importantes, como:

- A identidade étnica das crianças e dos jovens;
- Os índices de sujeitos que se autodeclaram estão relacionados à eficácia das políticas educacionais de reconhecimento e das estratégias pedagógicas de valorização da diversidade;
- A autodeclaração é desencorajada pela permanência de desigualdades, ideologias preconceituosas e estereótipos racistas que levam os estudantes a negarem seu pertencimento.

### **Considerando tais afirmações,**

- Como a sua escola percebe a questão/efetivação do autorreconhecimento e em que medida o teor dessas afirmações estão presentes no seu contexto?
- Que outras práticas pedagógicas poderão ser desenvolvidas e quais posturas deverão ser mudadas para que a realidade seja transformada?

Diante do exposto, cada profissional da educação em seus espaços de atuação deve assumir responsabilidades (do ato da matrícula até a sala de aula) com a positivação da historicidade dos afro-brasileiros e indígenas.

É válido ressaltar que a ação oportuniza o protagonismo das/os educadoras/es enquanto sujeitos de suas práticas pedagógicas e, ainda, visibiliza e destaca o comprometimento com a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena.

### **5) PARA SABER MAIS**

Programa de Atividades para a Implementação da Década Internacional de Afro descendente

<http://www.decada-afro-onu.org/plan-action.shtml>

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

<http://www.funai.gov.br>

MUSEU DO ÍNDIO.

<http://www.museudoindio.gov.br>

**PARA O PRÓXIMO ENCONTRO**  
**Seminário: Semana da Consciência Negra.**

## 6) REFERÊNCIAS

ALVES, João Paulo da Conceição - Aspectos da construção identitária do negro no processo educacional: entre a ruptura e a deflagração do racismo, *Artifícios - Revista do Difere* - ISSN 2179 6505, v. 1, n. 1, jun/2011. Disponível em: <http://www.artifícios.ufpa.br/Artigos/artigo%20jpaulo%208.pdf> Acesso em: 10/10/15.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Relações Raciais no Contexto Nacional e Internacional*. São Paulo: EDUSP, 2003.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006

Munanga, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, 2004. São Paulo, V. 18, nº 50, p. 51-66.

MUNANGA, Kabengele. *Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil*. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

PARANÁ, Orientação Nº 001/2015 - DEDI/CERDE/CEEI/SEED. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/JULHO2015>>

PARANÁ, Orientação Nº 002/2015 - DEDI/CERDE/CEEI/SEED. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/JULHO2015>>

SILVA, Maria da Penha da. A temática indígena no currículo escolar à luz da Lei 11.645/2008. In: *Cadernos de pesquisa*. São Luís, UFMA, v.17, nº 2, maio/ago. 2010, p. 39-47.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.